

## As mesmas vítimas

A 15 dias das eleições, o governo está cometendo erros que prejudicariam seus partidários se houvesse oposição e predominasse nessa campanha medíocre, em vez de xingamentos e ridículos, a discussão, sem facciosismo, de problemas reais. Isso ocorre porque, de certa forma, não exigimos dos candidatos, que pensam nos iludir com vanglorices, parentescos ilustres, demagogias e lamúrias de um passado do qual vários se aproveitaram.

Qual dos nossos futuros defensores na Constituinte protestou contra a decisão de um colégio, aprovada pela Sunab, segundo a sua diretoria, de cobrar uma "doação" sobre o valor da mensalidade congelada? O que acontece nessa escola ocorre em várias outras e em setores diversos, mas oficialmente o congelamento permanece e é um sucesso. Alguns ministros até posam de literatos, citando, com ligeiro engano, versos de Vinícius de Moraes encontrados em antologias para mocinhas.

O governo pensa, de certo, que é mais inteligente do que o povo. Os preços aumentam diariamente e, no entanto, as autoridades, com ar de seriedade, juram que tudo está congelado. A nova tabela da Sunab, dizem sem constrangimento, não foi o descongelamento e sim um reajuste, como se a troca de palavras evitasse o povo de pagar mais caro por frango, sal etc. É a mesma falsidade do argumento de que a crise de abastecimento decorre do enriquecimento do povo que está comendo muito mais do que antes.

O ágio, que se tornou moeda de grande circulação na atual farsa econômica, é negado pelas autoridades com a mesma irresponsabilidade com que uma delas contestou, recentemente, a existência do mercado paralelo do dólar, que, aliás, está valendo 100% mais do que o Cruzado. É fácil para quem está livre de filas e usufrua de mordomias financiadas com o dinheiro do contribuinte, de todos nós, contestar o ágio. Quem nada precisa comprar pode dizer até com sinceridade: "Não compre com ágio, não pague com ágio".

A falência do Plano Cruzado é ostensiva, porém o governo não a admite, mas proclama a necessidade de grandes alterações econômicas após as eleições para correção de rumo. Esse comportamento faz, também, parte da grande ilusão com que se procura enganar o povo. O governo teria de fazer de imediato essas modificações se elas são necessárias para o País e não esperar pelas eleições como se antes do bem público colocasse a vitória de seus candidatos. Retardá-las por interesse eleitoral é altamente condenável.

Não se fala, nessas mudanças, em beneficiar os assalariados, que estes são os explorados do Plano Cruzado, os únicos que estão congelados, enquanto os preços aumentam. Até mesmo o ministro do Trabalho, outrora advogado dos trabalhadores, aparece como defensor da teoria de que "nunca foi 'normal' que depois de um aumento de preços o reajuste do salário ocorra logo de imediato".

Esse reajuste poderia colocar a economia sob "o signo da anarquia". A teoria da Nova República é a mesma dos primórdios da Revolução de 64, quando foi conhecida como "arrocho salarial" com a qual iriam salvar o Brasil. É que hoje, como ontem, os sacrificados são os que recebem por seu trabalho.

JOÃO EMÍLIO FALCÃO